



Anabela Rodrigues Santiago (Breve CV)

Mestre em Estudos Chineses, especialização em Economia e Negócios da China, pela Universidade de Aveiro. Licenciada em Línguas e Relações Empresariais pela Universidade de Aveiro. Formadora de mandarim –iniciação.

Resumo

Num contexto de economia cada vez mais globalizada à escala mundial, as negociações têm sofrido evoluções e a postura dos países na cena internacional também. A mudança do eixo do poder dos Estados Unidos para a Ásia é um facto e existem explicações variadas para que tal aconteça. Uma delas é o chamado *Soft Power* da China que irá ser o objecto central desta reflexão. O *Soft Power* é a estratégia adoptada pela República Popular da China em matéria de diplomacia internacional, sendo uma forma de poder através da persuasão e não da coerção.

**Palavras- chave:** Soft Power, diplomacia, ajuda externa

**Influência do Soft Power chinês nos negócios**

Desde a sua abertura em 1978, a economia da República Popular da China não parou de crescer. A partir da criação das suas Zonas Económicas Especiais, a China transformou-se na “Fábrica do Mundo” e agora assume-se também cada vez mais como “Mercado do Mundo”, sendo crescente a sua influência na cena internacional.

Essa influência decorre de factores variados, como a taxa de crescimento da economia chinesa, o aumento do Investimento Directo no Estrangeiro, a participação em organismos de regulação internacional e o seu *Soft Power*. Com efeito, a China é membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, membro do G-20 e entrou para a Organização Mundial de Comércio em 2001, sendo inegável a escalada da sua presença nas diversas frentes à escala mundial.

O *Soft Power* tem sido o factor menos referenciado, mas tem vindo a desempenhar um papel crucial. Foi usado pela primeira vez pelo professor Joseph Nye, professor da Universidade de Harvard, no contexto das relações internacionais na década de 1980. Para o professor: “(...) *poder é a habilidade de influenciar o comportamento dos outros para conseguir o resultado que se quer.*” . E ainda : “*O conceito básico de poder é a habilidade de influenciar outros a fazer o que você quer. Há três maneiras de se fazer isto: uma delas é ameaçá-los com galhos; a segunda é comprá-los com cenouras; e a terceira é atraí-los ou cooperar com ele para que queiram o mesmo que você. Se você conseguir atraí-los a querer o que você quer, te custarão muito menos cenouras e galhos.*”

No caso da China, o *Soft Power* já estava presente durante o período da dinastia Ming, que foi desde 1368 a 1644. Nessa altura, o país viveu um período de grandes viagens marítimas, com as expedições de *Zhang He*, o que lhe permitiu descobrir o mundo (partes da Ásia e a Índia). Durante essas viagens, havia trocas comerciais, nas quais a China tentava escoar os seus produtos – a seda, o chá e as porcelanas essencialmente - e comprava âmbar, pedras preciosas e especiarias, sobretudo pimenta. As trocas comerciais eram favoráveis, mas o regime imperial referia-se a elas como sendo uma troca de presentes entre ambas as partes. Esses países eram tidos como países vassallos da China, a quem tinham de prestar tributos e daí nasceram a vassalagem universal e o comércio tributário. Foi uma época de grande esplendor e poderio da China que preferiu comprar a vassalagem política, em vez de se impor pela força da conquista. Também já era usado no século XVIII, quando os emigrantes dessa altura - ou seja, os comerciantes espalhados na costa da Índia - ocupavam o papel de comerciantes na primeira acepção da palavra, ou sejam eram mercadores que estabeleciam a ponte entre as populações indígenas e os colonos europeus da época, optando por não interferir nos assuntos internos dos povos.

Assim, o *Soft Power* pode ser entendido como uma estratégia de diplomacia internacional que visa dar a conhecer a posição de um país, sem recurso a estratégias militares (por oposição ao *Hard Power*) ; tem simultaneamente fins políticos e económicos.

No entanto, no caso da China, teve o seu verdadeiro ponto de partida em 1997, após o rebentar da “crise asiática”. Perante o cenário de crise, o governo chinês recusou desvalorizar a sua moeda para não afundar ainda mais as economias dos seus países vizinhos. Foi apenas o primeiro de muitos passos. A partir daí, os líderes chineses enfatizam nos seus discursos que o Império do Meio se preocupa em ouvir as vozes das outras nações e em ajudar aquelas que necessitam de ajuda externa. Deste modo, o uso do *Soft Power* traduz-se na posição que o país assumiu em matéria de diplomacia internacional. Isto porque a China respeita determinados princípios, como por exemplo, o princípio da auto-determinação dos povos, a não-ingerência nos assuntos internos de Estados terceiros, entre outros. Projeta assim uma imagem de nação inofensiva e pacífica, tendo lançado, segundo Joshua Kurlantzick, uma “operação de charme” no sudeste asiático primeiro e no resto do mundo a seguir. O governo chinês pretende também levar os seus credores a retribuírem o apoio que lhes tem dado, em

determinadas ocasiões específicas perante a comunidade internacional, como por exemplo, nas reuniões do Conselho das Nações Unidas. Esse mesmo governo é até reticente na hora de revelar as ajudas externas, uma vez que elas podem ser mal-interpretadas internamente, dado que a China ainda tem dentro de portas muita população pobre, principalmente nas zonas rurais do interior.

Podemos afirmar que a aplicação do *Soft Power* tem vindo a beneficiar as transacções comerciais e a economia em geral da República Popular da China. Tais consequências devem-se ao facto do País recolher o apoio de países terceiros, nomeadamente, países em vias de desenvolvimento, tais como Angola e outros países africanos, ou países da América Latina, como o Brasil e outros, e esse factor é facilitador da sua entrada nesses mercados. Não é por acaso que as trocas comerciais com países do continente africano e da América Latina aumentaram exponencialmente, tendo a China entrado em mercados geograficamente cada vez mais distantes e diversificados.

Efetivamente, de acordo com o “*Financial Times*”, entre os anos de 2008 e 2010, o total de empréstimos da República Popular da China ultrapassaram em 10 mil milhões a ajuda dada pelo próprio Banco Mundial. Em Julho de 2012, durante a 5ª Conferência Ministerial China- África, o então presidente chinês Hu Jin Tao anunciou um aumento da ajuda a África, traduzindo-se na atribuição de 18 mil bolsas universitárias a estudantes africanos, e na oferta de formação profissional a 30 mil técnicos africanos. De Janeiro a Outubro de 2012, os novos contratos assinados entre o governo africano e empresas chinesas ascenderam a 38 bilhões de dólares, representando 1/3 do investimento total da China no estrangeiro na área da construção.

A China atribuiu também 21 milhões de dólares ao governo cabo-verdiano para apoiar o desenvolvimento do arquipélago, em áreas como a habitação, o turismo, o sector energético, os transportes e tecnologias de informação. Colocou também uma linha de crédito no valor de 63 milhões de euros à disposição de Cabo Verde para a construção de habitações, no âmbito do projecto intitulado “Casa para Todos”.

Esta ajuda sem precedentes na história mundial é uma marca de *Soft Power*, pois traduz-se numa ajuda rápida, sem burocracias e, acima de tudo, sem fazer exigências de ordem política, ambiental ou social aos países ajudados. Trata-se portanto de ajuda sem ingerência nos assuntos internos, com interesse apenas de ordem económica reflectido essencialmente na busca de recursos energéticos e minerais. A grande diferença dos investimentos chineses é que Pequim não faz qualquer espécie de prerrogativa para as ajudas e parcerias estabelecidas, enquanto os países ocidentais exigem que as nações cumpram pré-requisitos em aspectos como o respeito pelos direitos humanos. Para muitos, esta situação suscita críticas negativas e é encarada como uma forma de “neocolonialismo”.

Mas, em suma, as maiores conquistas que a China pretende alcançar através do recurso ao uso do *Soft Power* são:

- Convencer o Mundo de que é uma nação pacífica, que não pretende recorrer ao uso da força para marcar a sua presença;
- Ser um ator a nível mundial, com uma postura diferente da dos Estados Unidos da América (*Hard Power*) e deste modo conseguir obter os recursos de que necessita para continuar o seu crescimento económico;
- Isolar o poder de Taiwan e tentar consolidar a reunificação total da China

Pode-se concluir que o *Soft Power* é parte integrante da estratégia de “*peaceful rise*” da República Popular da China, é usado como uma forma de apagar o criticismo internacional que pode surgir em seu redor por questões de ordem variada, como por exemplo, questões ambientais ou ligadas ao respeito pelos direitos humanos. Em termos negociais, tem servido para estabelecer uma lógica de “*win-win negotiations*”, para fomentar a “parceria estratégica” do país com a União Europeia e a entrada noutros mercados emergentes, como o Brasil, e no continente africano.

#### Referências Bibliográficas

Kurlantzick, Joshua (2007) , *Charm Offensive*, Yale University Press

Naisbitt , John (1997) , *Megatrends Asia*, Touchstone Edition / Simon & Schuster

Nye, Joseph (2004), *Soft Power: the means to success in world politics*, Public Affairs

Revista “África 21”, publicação nº67 , edição de Setembro 2012